

O Patológico apresenta o seu...

SPASMO!

Porque livre pensar, é só pensar.



EDITORIAL

O nosso maior receio na criação do **SPASMO!** era a quantidade insuficiente de arquivos, que poderia até inviabilizar algum número. Mas o montante de material recebido para a edição de estréia foi tal, que ficou muita coisa para esta que você tem em mãos.

O que se pede é paciência, pois aqui muitos são os chamados e todos são os escolhidos. Se seu texto não está nesta edição, fique tranqüilo que na próxima ele sai, e você vai poder dizer para todo mundo que escreveu no único jornal específico de cultura das faculdades de medicina do Brasil.

A gente vem reparando que 90% dos textos são de alunos do básico, o que faz com que exaltemos os clamores aos clínicos e internos. Arranjem tempo e entreguem suas manifestações no CAAL.

Por fim o reconhecimento à capacidade do Tônico que faz esta programação visual de encher as fôveas.

Então, com vocês... o nosso número 2 ; deleitem-se pois o **SPASMO!** agora é para sempre.

RockInRio 1, RockInRio 2

WOODSTOCK, WOODSTOCK II

Hollywood Rock - A série.

Um megashow não dá para ser um só. Então vem aí:

ShowMED

EDIÇÃO 94

...a sua chance de também fazer história!

Dança

À noite dançamos
esperando o dia...

Pusemos a lua pra dormir
acordamos o sol

ensonado
ensolarado.

Restamos nós...

e a música não pára de
cantar

sons, luas, estrelas, deuses,
que sentados e
boquiabertos

olham invejosos pros
nossos corpos

levitando nesta imensidão...

Dançamos nós...

livre prazer

o de ser livre!

E os deuses,

sem muito pensar,

jogam suas auréolas no
mar

e vem pra junto da gente,
viver o prazer,

o prazer...

que é dançar!!!

Leo (XXX)

A POLÍTICA TAMBÉM É UMA ARTE

A SITUAÇÃO NAS UNIVERSIDADES:

Com uma queda sensível do consumo nos últimos meses, caiu também a arrecadação do ICMS, parte do qual corresponde a fonte do capital das universidades paulistas.

Com o corte de despesas anunciado pela UNICAMP, 95% do orçamento total é gasto só com pessoal. Mesmo diante de números tão assustadores, o Reitor J. Martins Fº insiste em dizer que não haverá prejuízos com relação à pesquisa e ao ensino praticado na Universidade.

Das duas, uma. Ou as universidades públicas são um cabide de empregos, ou a verba cedida pelo governo é de caráter questionável. Este fato remete a um problema muito mais profundo: no Brasil se investe muito pouco em pesquisa, o que leva a um atolamento do país na lama do Terceiro Mundo. Com certeza, o novo presidente, para ter sucesso, deverá reavaliar esta questão, se quiser levar o país à modernidade. Foi-se o tempo em que interessava um elevado contingente elevado de mão de obra desqualificada.

UMA BOA NOTÍCIA

O IRA anuncia um abandono às armas depois de 25 anos de guerra. Só na Irlanda do Norte, mais de três mil pessoas morreram neste período.

MARCOS SANTOS

Considerações sobre arte

Os homens podem ser divididos em três grupos básicos: os que pensam sobre o sentido de seus atos - e, por isso, nunca o descobrem -, os que não o fazem por cômoda resignação e aqueles que reconhecem uma fonte de sentidos fora de seus domínios mas próxima o suficiente para dar-lhes o conforto dos seres oniscientes.

Nosso objetivo, nestas pequenas observações, é mostrar que a Arte é a consequência das dúvidas do primeiro grupo e, mais que isto, a única maneira legítima de se justificar a Existência.

Questionar é estar insatisfeito com sua esfera e se aproximar de outra; provocar um monólogo entre o que somos e o que desconhecemos. A ausência de resposta transfigura o vazio em vácuo, o qual será tanto mais forte quanto mais profunda a dúvida. Nos limites de sua magnitude, ele se desprende de seu criador e, independente, vaga, extraindo, de cada mente, aquilo que possuir de mais oculto.

Se imaginarmos a vida como uma pequena pérola, perfeita ao nascer, mas ignorante de sua existência, poderíamos dizer que sua grande meta seria projetar pequenas experiências para comprovar sua realidade. A cada passo, precisaria deformar um pouco de sua superfície e, ao fazê-lo, descobriria como fora naquele ponto.

A vida realizada não é aquela que termina em perfeição, mas a que teve coragem de destruir seus atributos para eternizá-los no imaterial.

Delinea-se, assim, a função da Arte: ao contrário de levar informações, rouba-as de cada indivíduo e, mostrando-as, diz: "este é você". Falsa lançada do confronto entre o inconformista e o Silêncio, ilumina mínimas áreas de um mosaico infinito...

A Linguagem pretende conscientizar os indivíduos de seus próprios sentimentos e, como a correnteza que de forma as pedras em seu caminho, transformar cada homem, de ser solitário, em música. Somos bolhas que flutuam, oscilando entre a explosão em gotículas ou a eterna manutenção de um universo intangível a todos. O poeta é o sonhador que se permite esfacelar na esperança de se fundir a novos seres e, desta forma, uni-los. O poeta é o mártir da Linguagem; seu sacrifício, a Arte.

Da dúvida faz-se Arte; da Arte, vida. A vida é o Verbo-Imagem feito Homem.

Luis Fernando C. Menezes

FALÁCIAS

A despeito da greve que nos afastou, não houve interrupção na "fabricação" das falácias. E viva a fértil imaginação e capacidade de dizer abobrinhas de nós mesmos! A conferir...

“Essa noite vai ser o dia mais feliz da minha vida!”
Mary Star (XXXI)

“Uh, tá certo que eu já dei pra todo mundo hoje...”
A mesma, no meio da maior galera, ao constatar que seu maço de Marlboro estava vazio.

“É só fala comigo que é pra ver se eu tô molhada!”
Caloura Olímpia para o Guti-maridão, após uma divertida aula prática de Bioquímica, com a blusa encharcada.

“Um exemplo, por exemplo”
Fabrício (XXVIII)

“Ego, Ego, Ego, abaixo o Super-ego!”
Id, Id, Id, viva o Id!”
Coro puxado pelo Brahma, certo dia (ou melhor, noite) no Bello

“Galera, vamô torcê!”
Carlão, na cerimônia de abertura da Copa, quando o Brasil se apresentou.

“Preu estar na aula, é porque eutava!”
Pri (XXXI)

“Cara da BC enfiou, mas enfiou tão bem enfiadinho que até quebrou o biscoito”
Andréa-caloura (XXXI), contando como o cara da BC fez para guardar as suas coisas na mochila.

“Indivíduo morre irreversivelmente”
Konradu Metze (prof. de Patologia)

“E por unanimidade de todos”
Chicão (XXVIII)

“Chupa, Suíça!”
Caloura Camila, no jogo Brasil X Suécia

“O TROTRI AFAVENS GLOVASIPO”
Léo (XXXI) para decorar os nervos cranianos.

Beyond Hollywood

Por Sérgio Setsuo Maeda (MED XXXI)

“Com uma produção de cem filmes ao ano, é válido esperar que alguns deles sejam ótimos. Mas se fazemos apenas três ou quatro, a possibilidade de que todos sejam ruins é grande.”

André Klotzel (A Marvada Carne)

Hum..., cinema brasileiro? Baixaria, mau gosto, suruba, são designações que estigmatizaram e até hoje são ligadas a nossos filmes causando repúdio e desprestígio; mas que curiosamente garantem audiência nas exibições televisivas. Não nego que a estética marginal dominou as produções dos anos 70 e grande parte dos anos 80 (observar que isso ocorreu após 1968, AI-5 e o surgimento da Embrafilme) resultando em filmes lamentáveis, onde poucos se salvam. Também não pode se negar que nossa cinematografia já esteve entre uma das mais significativas do mundo, graças ao Cinema Novo, a Vera Cruz e a Atlântida. Infelizmente, neste país, a cultura percorre uma via crucis para ter um lugar ao sol; e a sétima arte não foge à regra. Sofreu duros golpes em 1968 e 1990 (quando o já quase esquecido Collor declarou a morte da cultura no país) e ainda assim, essa fênix bravamente tenta ressurgir das cinzas.

Após o golpe collorido e o sumiço dos investimentos, a produção voltou lentamente e um novo obstáculo surgiu: a distribuição. Os filmes já não encontravam espaço no circuito (artes garantidas pela Embrafilme) e mesmo os “pseudofilmes” da Xuxa, Trapalhões & Cia, naufragaram nas bilheterias. No ano passado, então, surgiu a Riofilmes (sustentada pela Prefeitura da Cidade) na tentativa de resgatar o tempo perdido e sem um marketing adequado lançou três filmes: “A Maldição do Sampaku”, “Sua Excelência, o Candidato” e o magnífico documentário “Conterrâneos Velhos de Guerra”. Sem repercussão, todos mal aguentaram dez dias em cartaz. Um cenário de total desolação.

E no cenário mundial, vê-se que não só os nossos diretores são quem sofrem. Com exceção dos EUA (onde as produções conseguem gerar o autosustento da indústria hollywoodiana) e da França (o protecionismo garante mercado para a produção nacional), e nos demais países a produção também não é fácil. Os enlatados chegam a dominar de 80% a 90% do mercado, sufocando a cinematografia local que ainda sofre com a dificuldade de se obter orçamentos e conseguir o retorno do capital. Mesmo assim, conta com o apoio governamental e da TV na viabilização e exibição (por exemplo: a BBC na Inglaterra, a RAI na Itália e o Canal + na França). Essa tem sido uma boa saída e no Brasil, o primeiro passo foi dado neste ano: a TV Cultura e o Banco Nacional produziram sob a direção do veterano Carlos Diegues, o longa “Veja esta canção” conseguindo um resultado apenas razoável.

Com o fim da Embrafilme (1990), acabou a comodidade e o pretençãoismo que era complacente com o desleixo dos filmes em geral; mas ao mesmo tempo refletiu na total falta de investimentos. Então, o Estado (depois de muita lentidão) através das recentes Lei Rouanet (federal) e Lei Medonças (municipal), criou um novo mecanismo de financiamento permitindo que o empresariado invista pela dedução no Imposto de Renda. O cinema cai assim na realidade de mercado, o que espero que reflita no maior cuidado em sua realização. ■

Surgiu também o apoio do Banco Nacional (através de suas salas: o cineclube Vitória em Campinas, o Espaço Banco Nacional de Cinema em São Paulo e outras três salas) associado à Riofilmes, no retorno dos filmes às telas:

• **Era uma Vez**, de Arturo Uronga (Custo US\$ 816 mil; 32 mil espectadores). Primeiro a aparecer este ano. Vi apenas seu trailer e pareceu-me bem cuidado e deve ter atingido seu público-alvo: o infarto-juvenil.

☺. **Capitalismo Selvagem**, de André Klotzel. Apesar do elenco afiado, com destaque para a soberba Fernanda Torres e um ponto de partida interessante; o filme decepciona por sua indiferença, apatia e fraco desenvolvimento da narrativa.

☹. **A Terceira Margem do Rio**, de Nelson Pereira Santos (Custo US\$ 1,5 milhão, 27 mil espectadores). De longe é o pior desta safra. Esperava-se muito mais do mítico diretor de Vidas Secas (1963) e Memórias do Cárcere (1983). Nelson há oito anos sem filme, destrói a sutil poesia metafísica da obra roxana. Sinceramente: horroroso e desleixado.

☺. **Alma Corsária**, de Carlos Reichenbach (Custo US\$ 360 mil, perto de 45 mil espectadores). Tido como o melhor filme brasileiro dos últimos anos; Carlão realiza um filme de autor; um mergulho sensível, poético e generosamente sincero na memória e na amizade. Venceu o último festival de Brasília.

☺. **Lamarca**, de Sérgio Rezende (Custo US\$ 1,3 milhão, mais de 100 mil espectadores). Primeiro grande sucesso do ano e que merece honrados elogios. Grande presença de Paulo Betti e Carla Camurati. Forte e contundente retrato de crença num ideal durante os anos rebeldes.

O cinema brasileiro volta timidamente às telas e aos poucos tenta quebrar o gelo por parte do público e o tabu de um momento que já está enterrado. E os próximos lançamentos prometem: “O Corpo” de José Antonio Garcia, “Perfume de Gardênia” de Guilherme de Almeida Prado e outros. Afinal, o cinema como expressão artística reflete o momento cultural, político e econômico de uma Nação. Que o cinema brasileiro chegue à luz e mostre que mesmo com as desilusões que nos afligem, ainda temos cabeças pensantes, criativas e talentosas.

TERMOS MÉDICOS (conto)

Conheci Sílvia na faculdade. Ela, estudante de Medicina em vias de completar sua graduação. Eu, recém chegado do interior sem entender bem tudo o que me cercava naquela capital. O mar me fascinava. Nunca o tivera visto, mas os conselhos escabrosos de minha avó para não se aproximar daquela "traíçoeira" criatura atrazaram em alguns meses meu 1º mergulho. Segundo ela, a referida criatura já engolira impiedosamente um de nossos primos sem a dignidade de nem seus restos mortais devolver-nos. Pura bobagem, vejo hoje. Era o mar o meu maior companheiro. Onde eu escapava da realidade sem ter que recorrer à introspecção da minha tão desorganizada mente. Mergulhava entre as ondas e abandonava completamente minha consciência. Perdia a noção de indivíduo e sentia cada átomo de meu corpo separado pela imensidão daquele ser. Navegava por outros mares, conquanto discordasse daquela mania dos cartógrafos de separar o único mar que existia em vários oceanos. Achava isto um ultraje, mas por preguiça jamais protestei.

Estas minhas viagens atônitas à mercê das ondas me faziam sentir perto da natureza, fato que esquecemos quando vivemos nas metrópoles. A duração de cada mergulho era determinada pelo meu fôlego. Fazia de tudo para aumentá-lo, com o objetivo único de prolongar minhas viagens. Isto acabou sendo útil para minha saúde, pois corria diariamente alguns quilômetros na esperança de ser verdadeira a informação de um professor de que isto me faria permanecer mais tempo sem respirar. Até então não vivera nenhuma experiência que me fizesse acreditar em meus mestres e se me submetia àquele esforço era muito mais por infundadas esperanças. Meu fôlego foi aumentando, mas em nenhum momento aceitei relacionar tal fato com minhas corridas. Continuei-as por outros interesses, e é neste ponto que Silvia volta à história.

Sempre que corria observava uma jovem de cabelos curtos. Lembrava-me então dos sermões da vovó para minha irmã em que ela afirmava que o demônio habitaria o corpo daquelas mulheres que possuísem tal corte. De início sentia medo, pois além de curtos, seus cabelos também eram vermelhos. No entanto, este medo foi aos poucos se transformando em encanto. Em questão de semanas estava completamente enfeitiçado por sua silhueta fina e pele morena e suplicava à noite que chegasse rápido para que eu pudesse rever minha amada.

Jamais ousei abordá-la, parte por minha natural timidez e parte em respeito aos conselhos para não conversar com estranhos. Segundo vovó, um outro primo já morrera na mesma cidade por ter feito isso. Não tardei a perceber que aquela chacina de primos não passava de um artifício persuasivo para me proteger. Antes disso porém, tinha certeza que era o derradeiro primo de nossa família, o que tornou minha despedida da minha terra natal bastante dolorosa.

Assim que percebi que fora enganado senti um pouco de raiva, mas logo perdooei-a quando Sílvia veio até mim. Naquele momento esqueci todos os seus conselhos bem como tudo o que vivera até então. Embora ainda não conhecesse os poderes da adrenalina fui por ela bombardeado julgando estar recebendo as tão famosas flechadas de Eros. Atônito e sem voz ouvi seu conselho de que não deveria fumar enquanto corria com um ar acanhado de uma estudante que deseja utilizar seus conhecimentos ainda frescos, ela me alertou que aquele meu hábito faria com que meu fôlego diminuísse e que eu ainda poderia desenvolver um efisema. Balancei a cabeça bolando ante sua expressão tranquila sem perceber que ela se retirava. Estava paralizado e não acreditava naquilo: ela se referira a meu fôlego ! Sem nem aventar outra hipótese, tive certeza de que ela me amava ao ponto de me espionar e conhecer meus mais íntimos segredos. Fiquei orgulhoso de tê-la conquistado, e já pensava em filhos, casa e como impressina-la e protegê-la. Foi o primeiro dia mais feliz de minha vida. Não entendi a segunda parte de seu conselho, que tratava do tal efisema, mas tinha certeza que era alguma charada por ela planejada cuidadosamente para me mostrar o quanto ela me amava. Querida, pensei, entendi sua charada e não vejo a hora de te dizer que eu também te desejo um efisema ! Tinha certeza que com esta pequena mostra de minha sensibilidade e romantismo, a teria enamorada para o resto de nossas vidas. Hoje vejo, ciente do que seja um efisema, que tive sorte de já ter esquecido aquela estranha palavra na ocasião de nosso segundo encontro e só ter conhecido seu verdadeiro significado quando já possuí outras provas de seu amor por mim.

Mesmo assim minha decepção foi pequena.

Biubordi

By I.T.Rebouças

Eu estava imaginando se haveria algo melhor do que sentar com os colegas ao meio-dia num dia gelado de fim de junho. Talvez só beber Coca-Cola dê mais orgasmos... Melhor ainda seria se lembrássemos as músicas bregas de nossa infância. Foi o que fizemos...

No coral havia eu, minhas amadas Fernanda, Priscila, Maristela e participações especiais de Rosi e Ana Alice_ todas da XXXI_ e uma pequena audiência refinada suficiente para ouvir toda a nossa competência; modéstia à parte porque canto melhor que o Pavarotti.

E afinal, o que te lembra música Brega ? Garanto que se você parasse algum tempo matutando lembraria do **Menudo** ! Isto mesmo, não adianta negar: se você foi criança ou pré-adolescente pelos idos de 85 deve lembrar-se claramente do prazer (ou desprazer) de tê-los ouvido, embora de qualquer jeito era impossível ligar o rádio e não escutar: *Não se reprima, If you are not here, Sobe em minha moto, Doces Beijos* e todas aquelas músicas com suas epiléticas e simiescas coreografias.

Agora mais um esforço você vai lembrar de **Ritchie** com a minha *Menina Veneno* e o tema da novela global *Champagne* que começava com : "Boa noite rainha, como vai ?" (Obs: Se você já estiver se contorcendo de dor por tudo isto ser brega demais para sua mente, você ainda não viu nada...).

Cantamos a diabetogênica *Comer, comer* do grupo **Gengis Khan**, cujo vocalista tinha o rabinho parecido com o do Baggio. Esta música apareceu no vinil da novela **Chispita** (?!?!?) do SBT em 1985. Neste álbum tinha coisas "lindíssimas" como *Docinho, docinho* do **Gugu** e *A pulga e o percevejo* do **Gilliard**... Sim, aquele mesmo que era presença constante no **Qual é a música ?** do Programa **Sílvio Santos**. Quem batia carteira também lá era a **Gretchen** que cantou as monossilábicas *piripipi Melô da lambada* e *Conga, conga*.. Ela não gostava muito de cantar, por isso desenvolveu outros dotes, e que dotes!! Como era bonita a bunda dela!!

Pusemos na roda *Fuscão Preto* entre outras melôs dor de cotovelo como a versão em inglês de *Eu não sou cachorro, não* do **Waldick Soriano** além da igualmente canina do **Eduardo Dusek** que tinha como refrão "Troque seu cachorro por uma criança pobre".

Para não comprometer o gosto da XXXI, nós cantamos também coisas cult como *Julietta-ta, tá me chamando* do **Genival Lacerda**, *Bit acelerado* do **Metrô**, *Uni-Duni-Tê* do **Trem da Alegria**, *Carimbador Maluco* ou se preferir: *Plunct plact Zum* e até a *Melô do despejo* do **Pimpine-lla** (?) aquela do "Por isso fora! Esqueça que eu vivo etc" e uma pérola do pop: *Mamamaria* .

Choveu também pop de ultramar desde **Cure** :*In Between says* , passando por **Domino** *Dancin'* do maravilhoso **Pet Shop Boys**, até o satânico **Black Sabbath** e ainda a suprema relíquia Deutsche: Você se lembra de uma música de 1982 de um grupo alemão chamado **Trío**, cujo refrão era "Da dada" Waw!! Se alguém achar exposto este vinil em um museu do disco, assaltem e dêem para mim, pois eu mereço!! Eu sou o máximo!! E por fim até discutimos assuntos de suma importância como o primeiro show do **Kiss** no Brasil. o penteado da Nina Hagen e sobre a sexualidade de Morrissey.

Bem, claro que você pode não gostar destas maravilhosas músicas. Mas se você não gostar de conversar com os colegas estas banalidades e seu melhor amigo for Albert (o Guyton) e a música de sua infância ter sido aquela do danoninho: "Lipídios, Glicídios, Protídios, cálcio-ferro-fósforo-vitaminaA"; meu amigo, o Sol se levanta às 6h30min. e se põe às 17h30min.. Boa fotossíntese, repolho!! Até a próxima!!



FOLHETIM 2

N.E. " Por nosso escritor ainda estar desaparecido por acharmos que tal fato (Apresentado abaixo), é relavante para o desaparecimento (e por termos, novamente, que encher o espaço já previamente reservado) publicamos as manchetes que noticiam a morte da prostituta, dona de sex-shop, e produtora de vídeos (sexo explícito bizarro) e última namorada de Un. K. Owen, Angela Hooker, sendo que o escritor é o principal suspeito. Publicamos também um bilhete do escritor, que chegou em nossas mãos após o assassinato.

"O Estado de São Paulo"

Aliciadora morre em apartamento de luxo em São Paulo.

"Folha de São Paulo"

Encontrada prostituta morta à tiros em seu apartamento

"TV Cultura"

Fleury diz que mandará apressar as investigações do assassinato dos jardins.

"Jornal Nacional"

Roberto Marinho comparece a enterro de empresária.

"AQUI E AGORA"

Piranhada em polvarosa:

Fuzilada empresária do sexo em São Paulo.

"Bilhete de U. R. Owen"

A piranha foi assassinada e sou o unico suspeito. Ficarei escondido e tentarei continuar a historia. Talvez use o espaço para me defender.

